

**DE POUCA TELHA A MÃO DE NENÉM: FRASEOLOGISMOS NOS DADOS
DO ATLAS LINGUÍSTICO DO AMAPÁ**

**POUCA TELHA AND MÃO DE NENÉM: PHRASEOLOGISM IN THE DATA
OF THE LINGUISTIC ATLAS OF AMAPÁ**

Romário Sanches¹

Universidade do Estado do Amapá

Carlene Salvador²

Universidade Federal Rural da Amazônia

Resumo: As unidades fraseológicas são combinações sintagmáticas de uma língua, as quais se apresentam de forma cristalizada pelo uso e expressam parte da cultura de um povo. Neste contexto, o objetivo deste artigo consiste em identificar, analisar e cartografar unidades fraseológicas presentes nos dados do *Atlas Linguístico do Amapá - ALAP*. Para tanto, apresentamos discussões relativas ao campo da Fraseologia, conforme Mejri (1997; 2012), no que concerne aos critérios de identificação (polilexicalidade, fixidez, congruência, frequência, previsibilidade e idiomaticidade) e classificação fraseológicas e da Dialetoлогия na interface com os estudos lexicais de acordo com Cardoso (2010). A metodologia desta pesquisa segue, em partes, o mesmo parâmetro do ALAP, que conta com um total de 40 informantes de 10 localidades amapaenses. Do ponto de vista fraseológico, aplicamos os testes de certificação sugeridos por Mejri (2012) nos exemplos encontrados, de modo que após testagem foram identificados 40 fraseologismos, dentre eles foram escolhidas as unidades *unha de fome*, em referência à pessoa sovina e *perna de arco*, para nomear a pessoa que tem as pernas tortas, para ilustrar cartograficamente a variação diatópica no território amapaense.

Palavras-chave: Léxico; Fraseologia; Dialetoлогия; ALAP.

Abstract: Phraseological units are syntagmatic combinations of a language, which are presented in a crystallized form by use and express part of the culture of a people. In this context, the objective of this article is to identify, analyze and map phraseological units present in data from the Linguistic Atlas of Amapá - ALAP. For that, we present discussions related to the Phraseology field, according to Mejri (1997; 2012), regarding the identification criteria (polylexicality, fixity, congruence, frequency, predictability and idiomacity) and phraseological classification, in addition to Dialectology in the interface with the lexicals studies according to Cardoso (2010). The methodology of this research follows, in parts, the same parameter of ALAP, which has a total of 40 informants from 10 localities in Amapá. From the phraseological point of view, we applied the certification tests suggested by Mejri (2012) in the phraseological candidates found, so that after testing, 40 phraseologism were identified, which have connotative traits such as, for example, a *unha de fome*, in reference to the stingy person and *perna de arco*, to designate the person who has crooked legs.

Keywords: Lexicon; Phraseology; Dialectology; ALAP.

¹ Doutor em Letras (Linguística) pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Professor do Curso de Letras da Universidade do Estado do Amapá - UEAP. E-mail: duarte.romrio@gmail.com.

² Doutora em Letras (Linguística) pela Universidade Federal do Pará - UFPA. Professora do Curso de Letras da Universidade Federal Rural da Amazônia - UFRA. E-mail: carlene.salvador@ufra.edu.br.

Submetido em 30 de julho de 2020.

Aprovado em 28 de agosto de 2020.

Introdução

As unidades fraseológicas³ são construções sintagmáticas que apresentam uma forma fixa, cristalizada pelo uso e que estão no âmbito daquilo que se convencionou chamar de *discurso repetido*. Expressões como *até breve!*, *bater as botas*, *como vai?*, *boa noite*, dentre muitas outras que compõem o acervo das línguas, estão armazenadas na memória dos falantes e são usadas como recurso discursivo em contextos específicos. Nesse tipo de unidade, os constituintes internos da expressão perdem a liberdade de mobilidade dentro do sintagma⁴ de forma que seu sentido passa a ser obtido a partir de um bloco coeso. Essas expressões figuram em diferentes esferas da vida cotidiana configurando um importante campo das investigações linguísticas. Interessados nessa diversidade, buscamos nos dados do ALAP exemplos dessas estruturas.

Muitos projetos de atlas linguísticos projetados no final do século XX e início do século XXI ainda não foram finalizados, e talvez isso não aconteça. Essa situação tem transformado o trabalho de pesquisa geolinguística em vão, por várias razões. Os principais fatores para esse “cemitério” de atlas não concluídos são: a falta de financiamento de projetos e a falta de recurso humano.

Atualmente, os atlas linguísticos que contemplam em sua publicação dados totais da pesquisa de campo realizada são considerados casos excepcionais, seja pelo trabalho exaustivo realizado em equipe por pesquisadores de várias universidades ou pelo investimento financeiro que os projetos receberam para publicação. Normalmente, observa-se a publicação de partes dos dados coletados como aconteceu com o *Atlas Linguístico do Amapá - ALAP*, idealizado em 2010 e publicado em 2017. Sua primeira versão publicada contemplou cerca de 60% dos dados coletados, o que resultou em um conjunto de cartas linguísticas sobre fenômenos específicos do falar amapaense, contudo, essas cartas ainda carecem de análise linguística.

Nos dados do ALAP (SANCHES; RIBEIRO, 2013; SANCHES; SILVA, 2014;

³Tendo em vista a gama de nomenclaturas usadas para designar o objeto fraseológico (ditados populares, provérbios, adágios, expressões fixas, combinatória sintagmática, dentre outras) optamos pelo uso de unidade fraseológica/fraseologismo, termos utilizados por Mejri (2012).

⁴“Em sentido amplo, é a construção resultante da articulação de duas unidades, em qualquer nível... construções bloqueadas, dotadas de coesão interna, que se traduz na irreversibilidade e inseparabilidade de seus componentes” (CARONE, 1988, p. 105-106).

SANCHES; RAZKY, 2015; SANCHES, 2015) os autores apresentam a cartografia da distribuição espacial de itens lexicais no estado do Amapá em perspectiva variacionista. Porém, ainda há tópicos nos dados apresentados que ainda necessitam de uma análise linguística que busque explicar, por exemplo, como ocorre a manifestação de unidades fraseológicas.

No campo dos estudos do léxico, mais especificamente, aqueles voltados para o estudo dos fraseologismos, ainda são poucos os casos de investigações realizadas na região Norte do país (SALVADOR, 2017; OLIVEIRA, 2018; SOUZA, 2018). Após a observação mais atenta dos dados do ALAP, houve a constatação de que havia dentre as respostas obtidas na aplicação do questionário, casos de unidades fraseológicas, muitas delas sendo utilizadas com muita frequência não apenas pelos falantes do Amapá, mas em quase todo o território brasileiro, são os casos, por exemplo de *mão de vaca*⁵, para se referir à pessoa sovina e *estar de bode*⁶, esta última indica em uma de suas definições referência à menstruação, unidades que em razão da fixidez de sua forma, apresentam-se nas línguas como formas particulares de cada cultura.

Desta forma, este artigo tem como objetivo identificar e analisar unidades fraseológicas presentes nos dados do *Atlas Linguístico do Amapá - ALAP*, para em seguida, apresentar duas cartas fraseológicas com o intuito de mostrar a distribuição diatópica dessas unidades no território amapaense. Para isso, o artigo foi organizado em quatro seções: i) a primeira comenta sobre o campo da Fraseologia; ii) a segunda discute a relação dos estudos lexicais com os estudos dialetais; iii) a terceira mostra a metodologia da pesquisa; e, iv) a quarta apresenta e discute os resultados encontrados. Por fim, as considerações finais e as referências.

1. Fraseologia e Fraseologismos

A Fraseologia é o campo de estudo que se ocupa da investigação de unidades fraseológicas e/ou fraseologismos, como dito anteriormente, as unidades fixas da língua, comumente tratados como ditados, provérbios, adágios, refrões, máximas, dentre outros. Embora os registros acerca do estudo dessas unidades sejam antigos, a sistematização da área começa a ocorrer em meados dos anos 1800 com a obra de Michel Bréal, mas é

⁵ Os exemplos da amostra estão destacados em itálico.

⁶ *Estar de bode* apresenta duas definições de acordo com o Dicionário Informal, a primeira delas indica estar triste com algo e a segunda, menstruação.

apenas no início do século XIX, a partir de Charles Bally, com seu *Traité de Stylistique Française* (1909) que se tem a nomeação da área, *Phraseologie*.

Os estudos de Bally (1909) deram impulso a outros trabalhos, uma vez que foi esse autor quem forneceu base sistemática para que se pudesse proceder ao trabalho de identificação e classificação daquilo que ele convencionou chamar de *unidades fraseológicas*. Nesse contexto de estabelecimento da Fraseologia como campo investigativo, diferentemente de Bally, que tratava a Fraseologia como uma submacroárea da Lexicologia, figuram também os trabalhos realizados pelos russos (soviéticos) Polivánov (1931 *apud* ORTIZ ALVAREZ, 2000) e Vinogradov (1947 *apud* ORTIZ ALVAREZ, 2000), os primeiros a solicitar a autonomia da área em relação aos estudos lexicológicos, por considerarem que a área já apresentava objeto e métodos próprios.

Mais recentemente, em entrevista concedida à Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL, Corpas Pastor, autora do Manual de Fraseologia Espanhola, apresenta seu novo ponto de vista em relação à posição dos estudos fraseológicos no âmbito das ciências do léxico. Corpas Pastor (2017) assume que em face de apresentar objeto e método próprios, a Fraseologia já poderia ser considerada uma área independente em relação à Lexicologia.

O embate de dependência ou não em relação à Lexicologia que envolve a área fraseológica também se aplica à vasta denominação de seu objeto: os fraseologismos. A nomenclatura utilizada por autores de diferentes correntes inclui, dentre alguns exemplos: *sentenças proverbiais, expressões idiomáticas, expressões fixas, ditados, provérbios, adágios, refrões, máximas, colocações, locuções fixas, frases feitas, clichês e chavões* (MONTEIRO-PLANTIN, 2014, p. 15) dentre muitas outras denominações. Por conta do aporte teórico adotado nesta escrita, optou-se pelo uso do termo fraseologismo/unidade fraseológica, o mesmo utilizado por Mejri (2012).

Se a discussão em torno da nomenclatura do objeto fraseológico ainda não é consensual, em pelo menos um ponto os autores da área convergem, pois consideram que os fraseologismos são o objeto de estudo da Fraseologia e constituem parte importante do léxico. Para Biderman (1996, p. 27) o léxico diz respeito “[...] ao processo de nomeação em qualquer língua”. Nesse sentido, os fraseologismos são exemplares particulares de cada língua, são estruturas fixas, pois seus constituintes internos perdem a liberdade de mobilidade dentro do sintagma e são recorrentes, uma vez que os falantes os utilizam em contextos específicos colocando em realce traços da cultura de um povo. Do ponto de

vista formal, apresentam propriedades estruturais que possibilitam a sua identificação, sendo a polilexicalidade, isto é, o fato de serem formados por duas ou mais palavras, seu traço mais evidente (MEJRI, 1997).

Mejri (2012) sugere propriedades que possibilitam a identificação e a classificação dos fraseologismos: polilexicalidade, fixidez, congruência, frequência, previsibilidade e idiomaticidade. Vejamos como essas propriedades se comportam.

a) Polilexicalidade

Para Ferraz (2010), as unidades polilexicais são:

“[...] unidades polilexicais são unidades constituídas de mais de uma palavra, com certa coesão interna entre os seus componentes, tornando-se combinações fixas que, no sistema e na frase, podem assumir a função e o significado de palavras individuais” (FERRAZ, 2010, p. 38-39).

A partir da definição dada pela autora, percebemos que o primeiro aspecto do fraseologismo se manifesta em sua apresentação polilexical, isto é, no fato de serem expressões formadas por dois ou mais constituintes distribuídos em um sintagma, cujo sentido deve ser estabelecido a partir de seu conjunto e não pelo significado individual dos elementos que o compõem, tal qual ocorre em *estar de bode*, no sentido de indicar o período em que as mulheres ficam menstruadas. Nesse exemplo, o entendimento da expressão não é obtido nem pela definição do verbo estar nem pelo substantivo bode que indica animal. Nesse caso, é a união de estar + de + bode, o conjunto dessas três palavras que indica menstruação. Porém, apenas o fato de ser polilexical não é suficiente para conferir a uma expressão o valor de fraseologia, pois há casos na língua que se apresentam de forma polilexical e não são fraseológicos. Vejamos o caso de *aleijado de uma perna*, expressão também encontrada no *corpus* e foi descartada, porque apesar de se apresentar de um sintagma, em substituição a *perneta*, não tem fixidez sintática, uma vez que é possível comutar *aleijado* por *manco* ou redistribuir os constituintes *de uma perna aleijado* e a informação seria a mesma. Desta forma, toda unidade fraseológica é polilexical, mas nem toda combinatória polilexical é uma unidade fraseológica.

b) Fixidez e Congruência

Ainda para Mejri (1997), a fraseologia é o fenômeno que acontece com as estruturas sintagmáticas recorrentes e a fixidez é o processo pelo qual elas se realizam. Como um processo, permite que essas combinações sintagmáticas se estabilizem na forma e no uso. A fixidez é a responsável pela falta de liberdade dos constituintes dentro do

sintagma⁷. Por sua vez, a congruência diz respeito à disposição das unidades lexicais dentro do sintagma nos diversos níveis: fonológico, morfológico, sintático e semântico, além de possibilitar o cruzamento com partes do enunciado e com situações pragmáticas.

A fixidez permite ao falante utilizar a estrutura sintagmática recorrente enquanto a congruência possibilita a esse mesmo falante aplicar e reconhecer em contextos específicos o significado do fraseologismo. Em *mão de vaca*, usado para se referir a pessoa sovina, percebemos a forma fixa da unidade, facilmente identificada pelos usuários da língua portuguesa. A estabilidade sintática do agrupamento impede que seu sentido (congruência) seja desfeito e restringe movimentações em sua estrutura tanto no eixo sintagmático, quando não aceita, por exemplo, a flexão de número **mão (s) de vaca (s)* quanto paradigmático⁸, quando não aceita, por exemplo, a comutação de vaca por gado, **mão de gado*⁹. Portanto, o cruzamento da fixidez com a congruência, permite estabelecer o grau de estabilidade da unidade fraseológica, pois é a congruência que impede que o sentido seja desfeito, por isso esses dois fatores são vistos de forma integrada no momento da identificação fraseológica.

c) Frequência e Previsibilidade

Mejri (2012) sugere ainda que a frequência de uso das estruturas fraseológicas, além de estabelecer parte do processo de institucionalização dessas unidades, também aponta para outro fator, a previsibilidade. Quanto mais um fraseologismo circula de forma corrente no sistema da língua, mais previsível ele é. Desse modo, em *boca da noite*, referente ao momento de transição do dia para a noite, a possibilidade de preenchimento no sintagma *boca da _____ (noite)* estaria ligada tanto à quantidade de vezes que esses elementos são usados em comum quanto à previsibilidade de ocupação do espaço em branco com o elemento *noite*.

Observar a frequência do fraseologismo permite também aferir o quão institucionalizado ele está, pois essa característica revela o grau de circulação da unidade na língua. Quanto mais frequente, mais previsível é a unidade fraseológica.

d) Idiomaticidade

Assim como as demais propriedades, a idiomaticidade constitui um elemento de

⁷ “Em sentido amplo, é a construção resultante da articulação de duas unidades, em qualquer nível...construções bloqueadas, dotadas de coesão interna, que se traduz na irreversibilidade e inseparabilidade de seus componentes” (CARONE, 1988, p. 105-106).

⁸ O eixo das comutações, das trocas de palavras.

⁹ O símbolo de asterisco é usado para indicar restrições sintáticas, não aceitabilidade da forma.

identificação fraseológica. Ela se refere ao caráter não composicional do sentido do fraseologismo. De acordo com Ortiz Alvarez (2000) essa propriedade trata da “impossibilidade de observar o significado da expressão através dos seus elementos separados” (2000, p. 43). Nestes termos, no caso da estrutura *cabra cega*, uma brincadeira em que se venda os olhos de um dos participantes que tenta encontrar ou agarrar os demais brincantes, embora haja o constituinte *cabra* e o constituinte *cega*, eles devem ser entendidos pelo bloco, um conjunto a partir do qual um terceiro sentido é estabelecido, e não por seus significados individuais.

Arelado ao fator idiomático está a noção de transparência e opacidade dos fraseologismos. Para Monteiro-Plantin (2014) algumas unidades são mais transparentes que outras, pois podem ter em sua base algum constituinte que permite a interpretação da unidade em decorrência do sentido original. Por sua vez, as unidades mais opacas, apresentam maior grau de não-composicionalidade semântica.

Dessa maneira, o processo de identificação fraseológico sugerido por Mejri (2012) permite verificar além das características estritamente sintáticas, em que se elege a categoria dessas estruturas em razão de sua materialização em sintagma verbal, sintagma nominal, sintagma preposicional ou sintagma adverbial, a observação dos fatores supracitados permite também eleger a tipologia dos fraseologismos, pois ao realizar o cruzamento da fixidez com a congruência é possível verificar se é um caso fixo (*mão de vaca*) ou semifixo (*tomar/tomei uma*).

Por sua vez, se algumas palavras passam a circular sempre juntas, como se houvesse um imã entre elas (*besta fera*) também é possível verificar a previsibilidade dos constituintes em razão de sua ausência na combinatória, esse processo só é realizado por conta da frequência de uso do fraseologismo. Além disso, se as palavras da combinatória apresentam algum traço conotativo, podemos observar também o grau de idiomaticidade da unidade fraseológica. O aspecto idiomático permite ao falante o compartilhamento de sentidos próprios que os fraseologismos operam nas diversas interações cotidianas.

Como visto, as propriedades que permitem identificar os fraseologismos estão ligadas entre si e fazem com que essas combinatórias tenham vitalidade nas línguas sendo repassadas de geração em geração.

2. O léxico e os estudos dialetológicos

No Brasil, desde o fim do século XX e início do século XXI, observamos avanços significativos na área da Linguística. Várias disciplinas têm se dedicado a desenvolver métodos ou teorias, na intenção de compreender os fenômenos linguísticos em seus diferentes níveis: fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico, prosódico e lexical.

No que diz respeito aos fenômenos linguísticos envolvendo o léxico, percebemos que até a primeira metade do século XX as pesquisas nesse campo estavam restritas ao estudo da gramática tradicional, e somente na segunda metade deste século avistamos o surgimento de diferentes teorias nesse âmbito investigativo, buscando descrever e analisar esse fenômeno nas línguas naturais.

A partir do seu repertório lexical, os seres humanos conseguem expressar e materializar suas experiências sobre o universo. Para Sapir (1969, p. 45), o léxico reflete o ambiente físico e social dos falantes. Essa ideia também é reforçada por Biderman (2001) que entende o processo de nomeação das coisas como elemento basilar para se estruturar o conhecimento que temos hoje sobre o mundo.

[...] ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira do percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhança e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Como componente estruturador das línguas naturais, o léxico tem sido objeto de estudo de áreas como Lexicologia, Lexicografia, Toponímia, Terminologia, Morfologia, Fraseologia, Dialectologia, e entre outras. Essa diversidade de áreas demonstra o caráter interdisciplinar do estudo lexical. No caso da Dialectologia, o léxico tem sido investigado com foco na variação linguística, buscando descrever e mapear diferentes itens lexicais usados para nomear objetos, animais, frutas, fenômenos atmosféricos etc.

A Dialectologia, segundo Cardoso (2010), iniciou no século XVIII e ganhou força no século XIX com a aplicação do método Geolinguístico (Geografia Linguística). Muitos trabalhos dialetais foram realizados a partir da preocupação em registrar e

documentar informações linguísticas que ajudariam a entender os diferentes estágios de uma língua natural.

A Geolinguística, como método da Dialetoлогия, foi marcada pelos trabalhos de Georg Wenker, na Alemanha, entre 1879 e 1923, e de Jules Gilliéron, na França, entre 1902 e 1910. Segundo Sanches e Gonçalves (2019), o atlas de Wenker objetivou documentar a realidade linguística alemã de 40.736 localidades. Já o atlas de Gilliéron, buscou cartografar os patoás galo-romanos, utilizando um questionário de aproximadamente 1500 frases e palavras usuais daquela região que dava o essencial dos sistemas lexicais, fonéticos, morfológicos e sintáticos.

Atualmente, a Dialetoлогия é considerada uma disciplina da Linguística que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica (CARDOSO, 2010).

No Brasil, um dos maiores trabalhos dialetais e geolinguísticos é o *Atlas Linguístico do Brasil - ALiB*, que desde 1996 vem pesquisando a realidade linguística brasileira, no que tange à língua portuguesa, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, em nível fônico, morfossintático e léxico-semântico (CARDOSO et al., 2014). Os primeiros volumes do ALiB foram publicados durante o III Congresso de Dialetoлогия e Sociolinguística (III CIDS), realizado em Londrina, em outubro de 2014. O volume I consta com textos introdutórios e o volume II apresenta 159 cartas linguísticas, com dados de 25 capitais brasileiras. Entre essas cartas estão as de cunho lexical.

É importante ressaltar que o ALiB tem contribuído amplamente para a descrição do português brasileiro, formando novos pesquisadores e incentivando novas pesquisas na área, sobretudo quando se fala na elaboração de atlas linguísticos regionais e estaduais. Muitos já foram publicados sob orientação ou supervisão dos membros do comitê nacional do ALiB e outros ainda estão em andamento.

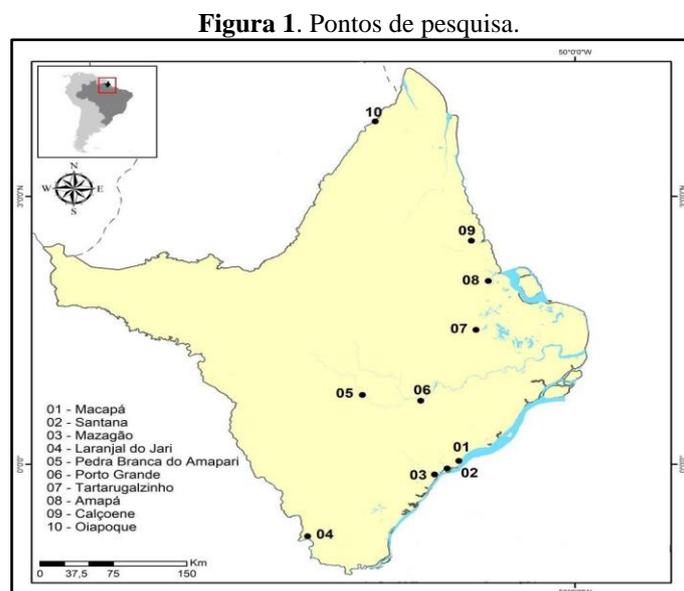
Entre os atlas estaduais publicados, encontra-se o *Atlas Linguístico do Amapá - ALAP*, considerado o terceiro atlas estadual da Região Norte. O ALAP foi publicado em 2017, durante o V *Workshop do Atlas Linguístico do Amapá*, na Universidade Federal do Amapá. A obra conta com 73 cartas lexicais e 16 carta fonéticas. Até o momento foram realizados estudos apenas no âmbito variacionista com a publicação das cartas linguísticas, na perspectiva da Geolinguística. No entanto, o *corpus* do projeto ALAP pode suscitar estudos em outros campos da linguística, como na Etnolinguística,

Linguística Antropológica, Sociolinguística, Análise do Discurso etc. Neste trabalho, utilizamos os dados do ALAP para um estudo de caráter fraseológico, o que já vindo sendo feito, por exemplo, com o *corpus* do projeto ALiB (PAIM; SFAR; MEJRI, 2018).

3. Metodologia da pesquisa

Pensando na possibilidade de um estudo fraseológico a partir de dados geolinguísticos, buscamos selecionar variantes lexicais do *Atlas Linguístico do Amapá - ALAP* (RAZKY; RIBEIRO; AUTOR, 2017) que configuram unidades fraseológicas. A metodologia de coleta de dados do ALAP está diretamente relacionada ao método geolinguístico, assim, o atlas do Amapá conta com uma rede de pontos composta por 10 localidades do Estado, considerando a densidade demográfica e populacional, além de critérios históricos (tempo de origem), econômicos e socioculturais.

As localidades pesquisadas foram: (01) Macapá, (02) Santana, (03) Mazagão, (04) Laranjal do Jari, (05) Pedra Branca do Amapari, (06) Porto Grande, (07) Tartarugalzinho, (08) Amapá, (09) Calçoene e (10) Oiapoque. A Figura 01 mostra a localização de cada ponto.



Fonte: Razky, Ribeiro e Autor (2017) (Adaptado pelos autores).

A equipe do ALAP entrevistou 4 (quatro) amapaenses por localidade, totalizando 40 informantes. Para a seleção dos colaboradores, foram considerados dois fatores: sexo e idade. Com isso, em cada cidade pesquisada foram entrevistados um homem e uma mulher de 18 a 30 anos e um homem e uma mulher de 50 a 75 anos.

Além dos passos metodológicos adotados para a constituição da amostra-base, acrescentamos aqui o processo de identificação e categorização das unidades fraseológicas que foram analisadas, além do trabalho de elaboração de duas cartas fraseológicas.

Durante a manipulação dos dados do ALAP, observamos que havia um número relevante de unidades formadas por mais de uma palavra simples na amostra coletada, para certificação de que se tratava de fraseologismos, aplicamos teste de certificação das propriedades fraseológicas sugeridas por Mejri (2012). Esses exemplares foram submetidos, inicialmente, ao teste de polilexicalidade. Verificamos que todas as ocorrências apresentam essa propriedade, havendo desde unidades compostas por dois termos como em *pão duro*, até unidades mais extensas como em *chuva de molhar besta*. Tendo verificado esse primeiro estágio, passamos a olhar o fator fixidez, juntamente com o fator congruência.

A estabilidade sintática do fraseologismo é um aspecto relevante para que ele seja reconhecido pelos falantes, por isso, verificamos o quão fixa era cada unidade fraseológica da amostra. Em *pão duro*, por exemplo, há restrições para inserções de elementos no interior do sintagma **pão (muito) duro* ou flexões **pã (es) duro (s)*, **pão dur (inho)*. No eixo das comutações, esse fraseologismo não aceita a troca de elementos, mesmo que eles tenham relação sinonímica **pão teso*. Nesse último exemplo, caso ocorra a substituição por *teso*, ocorre a perda do sentido da unidade, isto é, a congruência se desfaz e, portanto, o fraseologismo perde o seu significado. Assim, *pão duro* se configura como uma unidade com fixidez total, pois o bloco está cristalizado dessa forma na língua.

Do ponto de vista do fator idiomaticidade, em *pão duro* nenhum dos dois constituintes aponta para a pessoa sovina, isto é, parece haver um esvaziamento dos significados de cada termo, uma vez que nem *pão* indica alimento, nem *duro* significa rigidez, outrossim, o sentido do bloco é que remete à pessoa avarenta. Por não haver uma relação direta entre os valores individuais de cada constituinte, esse fraseologismo apresenta alto teor de opacidade. Esse resultado sugere, tal como aponta Mejri (2012), quanto mais opaco, mais idiomático, mais congruente e fixo é a unidade fraseológica.

O processo de testagem ocorreu em todas as unidades polilexicais encontradas na amostra. Por fim, passamos ao processo de confecção das cartas fraseológicas a partir da identificação de variantes fraseológicas que possuem o mesmo referente semântico.

4. Apresentação dos resultados

Nesta seção, apresentamos os fraseologismos encontrados nos dados publicados no *Atlas Linguístico do Amapá - ALAP*, seguido de suas respectivas análises e da cartografia linguística de dois exemplos fraseológicos da amostra que contemplam variantes fraseológicas faladas por amapaenses, isto é, o item *pessoa sovina* e *pessoa de pernas arqueadas*.

A identificação dos fraseologismos foi possível após a etapa de certificação fraseológica em que se verificou os critérios sugeridos por Mejri (2012) relativos à polilexicalidade, fixidez e congruência, frequência e previsibilidade e idiomatidade. Assim, chegamos ao total de 40 fraseologismos na amostra sob análise. No Quadro 1 está a descrição de cada exemplar com seu respectivo sentido.

Quadro 1. Fraseologismos da amostra.

Nº	Fraseologismo	Significado	Nº	Fraseologismo	Significado
01	Boca nua	Uma pessoa sem dente	02	Boca da noite	Nome dado para o final da tarde e início da noite.
03	Bolacha do joelho	Rótula do joelho	04	Cabra cega	Brincadeira em que uma criança tem os olhos vendados e sai para procurar as outras.
05	Carapela do olho	Pálpebra	06	Casamento da raposa	Quando há sol e chuva juntos.
07	Chuva de molhar besta	Garoa	08	Dente do queixal	Dentes molares
09	Dente do juízo	Últimos dentes a nascer	10	Dentes caninos	Dentes pontiagudos ao lado dos incisivos
11	Dor de olho	Inflamação nos olhos	12	Inhaca pura	Mal cheiro nas axilas
13	Mão de vaca	Pessoa sovina	14	Pão duro	Pessoa sovina
15	Mão apertada	Pessoa sovina	16	Mão na roda	Pessoa sovina
17	Mão de neném	Pessoa sovina	18	Mulher da vida	Mulher que se prostitui.
19	Estar de bode	Menstruação	20	Olho d'água	Redemoinho da água

21	Perna de alicate	Pessoa de pernas curvas.	22	Pião de vento	Redemoinho do vento
23	Pira esconde	Brincadeira em que uma criança se esconde e a outra vai	24	Ponta de borracha	O mesmo que toco de cigarro
25	Pouca telha	Desdentado	26	Tá de TPM	Menstruação
27	Tô até o tucupi	Está cheio, que comeu demais.	28	Toró de chuva	Tempestade
29	Unha de fome	Pessoa sovina	30	Mulher de programa	Prostituta
31	Pé inchado	Bêbado	32	Tomar uma -	Ingerir bebida alcóolica
33	Besta fera	Diabo	34	Espírito ruim	Diabo
35	Espírito mal	Fantasma	36	Bolinha de gude	Peteca
37	Pão de metro	Pão salgado	38	Pão bengala	Pão salgado
39	Pão massa grossa	Pão salgado	40	Pão careca	Pão salgado

Fonte: Elaborado pelos autores (2020).

Para além das propriedades fraseológicas de cada ocorrência disposta no Quadro 1, verificamos também que os elementos estruturais dos sintagmas analisados são do tipo nominal e verbal, como ilustra o Gráfico 1.

Gráfico 1 - Estrutura sintática dos fraseologismos.



Fonte: Elaboração dos autores (2020).

A análise referente à estrutura sintática dos casos encontrados no *corpus* apontam que das 40 unidades, 85% delas são sintagmas nominais, como em: *bolacha do joelho*, *perna de alicate*, *pão de metro* e *bolinha de gude* correspondente a 34 vezes na fala dos

informantes, enquanto 15% delas são sintagmas verbais, como em: *estar de bode*, *tô até o tucupi* e *tomar uma*, o que equivale a 6 vezes. A maior preferência por sintagmas nominais pode estar atrelada ao fato de esses fraseologismos cumprirem, na maioria das vezes, a função designativa, ou seja, são usados para nomear (MEJRI, 2012).

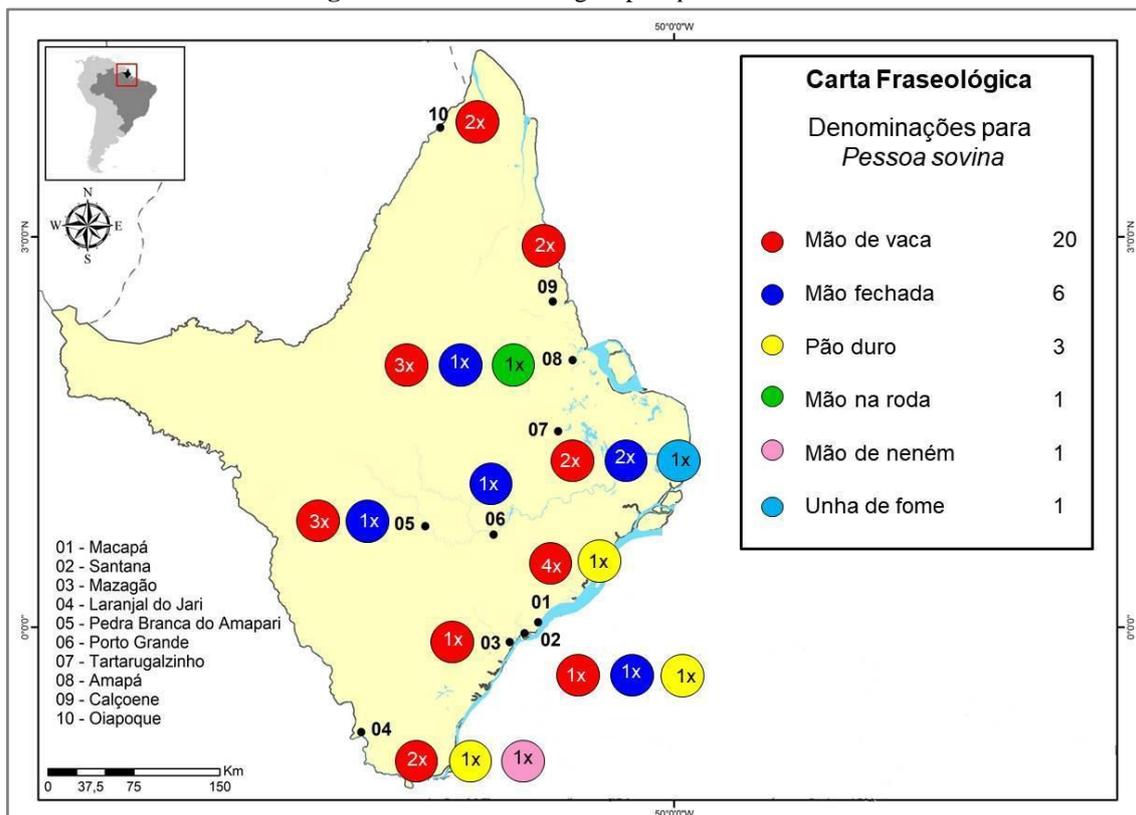
O processo de nomeação nas línguas em geral, em sua maioria, ocorre por meio de itens monolexicais¹⁰, mas há momentos em que o falante em uma tentativa de dar ênfase, provocar riso, amenizar ou mesmo desmoralizar, faz escolhas estilísticas que levam ao uso de fraseologismos. Observamos, por exemplo, os fraseologismos usados para denominar a pessoa que perdeu os dentes e a pessoa que tem as pernas tortas, em que ao invés de o falante dizer *desdentado* ou *aleijado*, houve a preferência pelos fraseologismos *boca nua* e *perna de alicate*, formas mais conotativas.

Como visto, os fraseologismos estão presentes na fala cotidiana, são estruturas pré-fabricadas, reconhecíveis e compartilhadas pelos usuários de uma dada língua. Porém, eles também representam escolhas realizadas em função da distribuição espacial do falante. No caso dos dados do ALAP foram escolhidos dois exemplos fraseológicos de modo que se pudesse visualizar como eles se comportam nas diferentes localidades do território amapaense.

Para ilustrar cartograficamente a distribuição espacial desses fraseologismos designativos, escolhemos inicialmente a ocorrência que remete à pessoa sovina, ilustrada na Figura 2.

¹⁰ A palavra simples, unitária, composta por um único elemento.

Figura 2 - Carta fraseológica para *pessoa sovina*¹¹



Fonte: Elaborada pelos autores (2020).

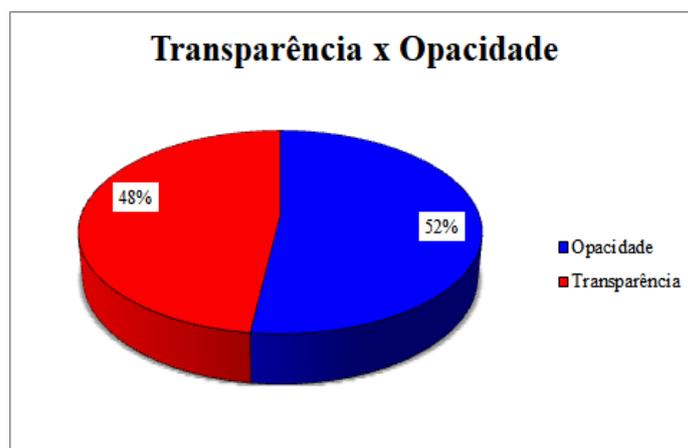
Para obtenção de respostas ao item lexical disposto na Figura 2, foi perguntado aos informantes como eles chamam uma pessoa que não gosta de gastar dinheiro, assim, além da resposta obtida por meio de um item monovocabular *sovina*, no que se refere às unidades fraseológicas foram identificadas seis variantes, sendo elas: *mão de vaca*, *mão fechada*, *pão duro*, *mão na roda*, *mão de neném* e *unha de fome*. A Figura 2 mostra que a unidade *mão de vaca* foi a mais produtiva na fala dos amapaenses, ocorrendo em nove das dez localidades investigadas, não sendo produzida apenas em Porto Grande (06), onde houve a preferência por *mão fechada*. Por sua vez, *mão fechada* ocorreu em cinco localidades, além de Porto Grande (06), como em Santana (02), Pedra Branca do Amapari (05), Tartarugalzinho (07) e Amapá (08). A denominação *pão duro* aparece em Macapá (01), Santana (02) e Laranjal do Jari (04), com uma ocorrência em cada município. As variantes *mão de neném* e *unha de fome* aparecem uma vez, a primeira em Laranjal do Jari (04) e a segunda em Tartarugalzinho (07), respectivamente. Essa configuração diatópica mostra que algumas unidades fraseológicas (*mão na roda*, *unha de fome* e *mão*

¹¹ O número presente dentro de cada esfera indica a frequência de cada fraseologismo em cada localidade.

de neném), menos frequentes, tendem a aparecer em localidades mais afastadas da capital Macapá.

Além de verificar a estrutura sintática dos fraseologismos e realizar a cartografia supracitada, passamos ao processo de análise do teor conotativo das estruturas encontradas. Esse processo foi realizado a partir dos fatores transparência e opacidade, o qual resulta em maior ou menor grau de idiomaticidade da unidade fraseológica. O Gráfico 2 traz a ilustração dos percentuais encontrados na amostra sob análise.

Gráfico 2 - Transparência e opacidade dos fraseologismos



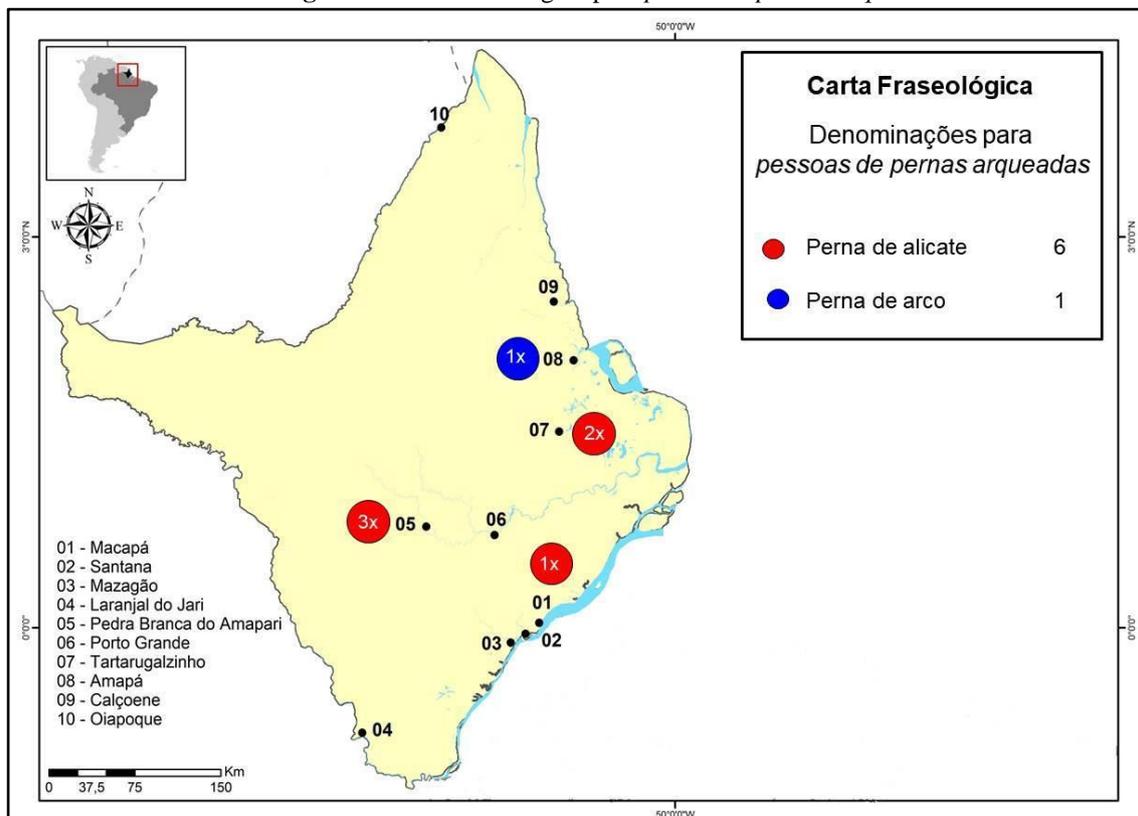
Fonte: Elaboração dos autores (2020).

Como mencionado, o caráter conotativo dos fraseologismos da amostra também foi verificado, sendo 52% deles opacos, isto é, têm sentido não composicional, o que equivale a 21 unidades, tais como *boca nua*, *boca da noite*, *pouca telha*, *tô até o tucupi*, *unha de fome*, *pé inchado* e etc., e 48% transparentes, equivalente a 19 unidades, como em *bolacha do joelho*, *bolinho de gude*, *dente do juízo*, *espírito ruim* e *pão massa grossa*, dentre outros. A alteração de sentido feita pelos falantes, em alguns constituintes dos fraseologismos, evidencia a criatividade e particulariza o significado dessas combinatórias dentro das comunidades linguísticas. Desse aspecto emana o grau de idiomaticidade dessas estruturas, sendo possível de empregá-las em contextos específicos, conforme os propósitos comunicativos do usuário da língua.

Tendo em vista o fator idiomaticidade, elegemos como segundo item a ser cartografado a pergunta que buscava denominações para o nome dado para designar uma pessoa de pernas arqueadas. Diferentemente, da Figura 2, este item apresentou apenas duas variantes fraseológicas, *perna de alicate* com 6 ocorrências e *perna de arco* com 1

ocorrência, como ilustra a Figura 3.

Figura 3. Carta fraseológica para *perna de pernas arqueadas*



Fonte: Elaborada pelos autores (2020).

Com base na figura acima, notamos que a variante *perna de alicate* foi mencionada em Macapá (01), Pedra Branca do Amapari (05) e Tartarugalzinho (07). Já a variante *perna de arco* aparece somente no município de Amapá (08). Percebemos também que nas duas unidades fraseológicas cartografadas há um desvio nos dois fraseologismos, em que, pelo menos um dos constituintes sofreu alteração de sua primeira acepção, mas que por analogia da forma, o falante particulariza seu uso. Assim, *alicate* e *arco*, formas que remetem a elementos curvos, passam a transmitir a ideia de pernas tortas, não-simétricas, não-alinhadas. Nesses dois casos, as duas unidades são consideradas transparentes, pois de um lado o item lexical *perna*, base do sintagma, ainda possibilita recuperar a referência a um dos membros do corpo humano, por outro lado, o desvirtuamento de *alicate* e *arco* confere o traço conotativo necessário para configurá-los como fraseologismos.

Como visto, foi possível identificar dentre as muitas denominações presentes nos dados do ALAP casos de unidades fraseológicas. Essas unidades são, portanto, passíveis

de análise tanto do ponto de vista formal, como em exemplos relacionados à estrutura sintática, quanto em seu aspecto semântico, no que diz respeito ao nível de opacidade e transparência. A partir da certificação desses fatores foi possível também verificar se havia variação fraseológica, o que resultou na cartografia linguística conforme a distribuição geográfica.

Considerações Finais

A motivação para a escrita deste artigo surgiu a partir da manipulação dos dados geolinguísticos coletados para o *Atlas Linguístico do Amapá*, no qual se verificou que havia ocorrências de unidades fraseológicas, sendo necessário estudá-las. A partir da investigação feita acima, concluímos que após processo de testagem fraseológica, foram identificadas 40 unidades fraseológicas nos dados do ALAP, as quais apresentam traços conotativos, mais idiomáticos, como em *unha de fome*, indicando *pessoa sovina* (pessoa sovina) e *perna de arco* (pessoa de torta).

O estudo também possibilitou a cartografia linguística de variantes fraseológicas, na intenção de compreender como elas estão distribuídas no espaço geográfico, como no caso das denominações para *pessoa sovina*, em que constatamos que *mão de vaca* é uma variante predominante no Amapá, seguida de *mão fechada*, *pão duro*, *mão na roda*, *mão de neném* e *unha de fome*. Já nas denominações para *pessoa de pernas arqueadas*, as variantes fraseológicas identificadas foram *perna de alicate*, seguida de *perna de arco*, em menor frequência.

Os dados do ALAP são muitos e provavelmente em leitura mais apurada sejam encontradas mais ocorrências fraseológicas do que aquelas aqui listadas, mas entendemos que o “pontapé inicial” para esse tipo de estudo, com dados do Amapá, tenha sido dado, uma vez que não foram encontrados registros de estudos anteriores acerca dessa temática. Esse fator, inclusive, se mostrou como uma das dificuldades para a escrita deste artigo, ou seja, o fato de não haver estudos com os quais se pudesse comparar ou cruzar os resultados obtidos. Desta forma, não sendo este um estudo exaustivo desse tipo de unidade, esperamos que em pesquisas futuras seja possível ampliar o *corpus* e a análise oferecida.

Referências

- BALLY, C. *Précis de stylistique: esquisse d'une méthode fondée sur l'étude du français moderne*. Genebra: Eggimann, 1909.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 153-166.
- CARDOSO, S. A. M. A história do Atlas Linguístico do Brasil. In: CARDOSO, S. A. M. et. al. *Atlas Linguístico do Brasil: introdução*. Londrina: EDUEL, 2014.
- CARDOSO, S. A. M. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editora, 2010.
- CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo, 2ed. Editora Ática, 1988.
- CORPAS PASTOR, G.; ORTIZ ALVAREZ, M. L. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Gloria Corpas Pastor. *ReVEL*, vol. 15, n. 29, p.261-266, 2017. Tradução de Ana Carolina Spinelli. Revisão técnica de Gabriel de Ávila Othero.
- FERRAZ, Aderlande Pereira. A lexicalização de sintagmas na linguagem da publicidade. In: ISQUERDO. Aparecida Negri. BARROS. Lídia Almeida. Orgs. *As ciências do léxico*. Lexicologia, lexicografia, terminologia. Volume V. Campo Grande, MS, 2010. Editora UFMS.
- GILLIÉRON, J.; EDMONT, E. *Atlas Linguistique de la France (ALF)*. 35 fasc. Paris: Honoré Champion, 1902-1910.
- MEJRI, S. Délimitation des unités phraséologiques. In: ALVAREZ, M.L.O. (Org.) *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes, 2012.
- MEJRI, S. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Tunis: Publications de la faculté des lettres de la Manouba, 1997.
- OLIVEIRA, R. U. G. S. *O léxico especializado do corte bovino: uma abordagem terminológica e terminográfica*. Tese (Tese - Doutorado em Letras - Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras e Artes, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- ORTIZ ALVAREZ, M. L. Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: Estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. 2000. 334f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. UNICAMP, Campinas, SP, 2000.
- PAIM, M. M. T.; SFAR, I.; MEJRI, S (Orgs.). *Nas trilhas da Fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística*. Autor: Quarteto, 2018.
- RAZKY, A; RIBEIRO, C; SANCHES, R. *Atlas Linguístico do Amapá*. São Paulo: Labrador, 2017.
- SALVADOR, C. N. F. *Estudo das fraseologias do futebol brasileiro das Séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico*. Tese (Doutorado em Letras - Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

- SANCHES, R. *Variação Lexical nos dados do projeto Atlas Geossociolinguístico do Amapá*. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras - PPGL, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.
- SANCHES, R.; GONÇALVES, R. O Rotacismo na fala de amapaenses. *Web-Revista SOCIODIALETO*, Campo Grande, v. 10, n. 29, nov, p. 122-140, 2019,
- SANCHES, R.; RAZKY, A. Variação linguística para cigarro de palha e toco de cigarro no Atlas Linguístico do Amapá. *Revista Todas as Letras* (Mackenzie, Online), São Paulo, v. 17, p. 196-206, 2015.
- SANCHES, R.; RIBEIRO, C. M. da R. Variação lexical para libélula no Atlas Linguístico do Amapá. *Web-Revista SOCIODIALETO*, Campo Grande, v. 4, p. 435-449, 2013.
- SANCHES, R.; SILVA, M. do P. S. C. da. Variação semântico-lexical no Amapá. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 10, p. 299-315, 2014.
- SAPIR, E. *Linguística como ciência*. (Textos organizados por J. Mattoso Câmara). Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SOUZA, D. P. de. *Fraseologismos no discurso político brasileiro: uma proposta de glossário*. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Linguísticos) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- VINOGRADOV, V. V. Acerca dos tipos principais de unidades fraseológicas na língua russa (em russo). In: SCHAHMATOV, A. A. 1864-1920: Colectânea de Artigos e Materiais. [s.l.]: Academia de Ciências da URSS, 1947. p. 36-339.
- WENKER, G. *Sprachatlas des deutschen Reichs*. Marburg: ohne Verlag [handgezeichnetes Exemplar auf gedruckten Grundkarten]; vgl. hierzu DiWA 2001[1879-1923].